

## **A atuação do Jornalismo nas redes sociais e o consumo de notícias dos nativos digitais e sociais<sup>1</sup>**

Giovanna Bastos Fraguito  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio  
Departamento de Comunicação - Bacharelado em Jornalismo

### **Resumo**

O projeto se propõe a analisar de que forma o jornalismo tradicional, usando como exemplo os portais do G1 e UOL, se adapta às novas formas de consumo dos nativos digitais e sociais - pertencentes à geração Z. Com o uso cada vez maior das plataformas digitais, como Instagram, Twitter (o novo X) e TikTok, a forma de se informar mudou e desafiou o modo de fazer jornalismo nas redações. Por meio da análise de relatórios dos hábitos de consumo de notícias, e do uso das redes sociais, é possível observar a forte influência dessas plataformas nos grupos em geral - que se sentem informados pelas redes e pouco consomem os sites dos jornais.

**Palavras chave:** Redes sociais; Geração Z; consumo; notícias; jornalismo

### **Apresentação**

As redes sociais desempenham papel importante nas relações atualmente. Além de inovarem a forma de comunicação, em que os indivíduos podem se relacionar, trocar mensagens, fotos, vídeos e interagir de qualquer lugar do mundo, as plataformas digitais se tornaram importantes canais de veiculação de conteúdos. Segundo levantamento da Comscore, de março de 2023, o Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo e o primeiro da América Latina em acesso às plataformas, com o equivalente a 131,5 milhões de pessoas conectadas.

A análise Tendências de Social Media 2023 do Comscore mostra que os usuários conectados no Brasil têm passado cada vez mais tempo na internet, em especial nessas plataformas - 46 horas de conexão por usuário no mês, em dezembro de 2022.

---

<sup>1</sup> Artigo derivado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Jornalismo, orientado pela professora Rosamary Esquenazi, entregue em dezembro de 2023.

Ainda de acordo com a Comscore, YouTube, Facebook e Instagram são as redes mais acessadas pelos usuários brasileiros, com alcance de 96,4%, 85,1% e 81,4%, respectivamente; TikTok, Kwai e Twitter aparecem na sequência. Em relação ao tempo de consumo da audiência, Instagram e YouTube são redes onde os usuários dedicam mais minutos. (PACETE, 2023).

Esse número de engajamento e visualizações é maior do que jornais impressos e revistas tradicionais, como Folha de S.Paulo e Veja. A revista, no passado, foi uma das maiores em circulação impressa. Por muito tempo a tiragem superou 1 milhão de exemplares por semana, porém terminou 2020 com 144.141 cópias em papel, em média, por edição, segundo o IVC (Instituto Verificador de Comunicação). Já a Folha, segundo o mesmo instituto de pesquisa, que chegou a 175.440 exemplares diários, em média, em 2015, passou para 48.084, em 2022.

## **1. Consumo de Notícias da Geração Z**

A Geração Z compõe os atuais e futuros leitores do jornalismo, por isto é um público em potencial que merece estudos e observações. Segundo dados do Relatório de Notícias Digitais de 2022 do Instituto Reuters, o público mais jovem consome notícias e pensa cada vez mais de maneira diferente do público mais velho. Os nativos sociais – aqueles com idades entre 18 e 24 anos, que cresceram em grande parte com mídias sociais – e nativos digitais – aqueles com idades entre 25 e 34 anos, que cresceram em grande parte com a internet, mas antes do surgimento das redes sociais – preferem notícias mais casuais, confiam muito nas mídias sociais e são menos leais às empresas de notícias. Eles também têm percepções diferentes sobre o que é notícia e como é praticada. (PODER360).

Conforme o relatório, as principais fontes de notícias mudaram ao longo do tempo, o acesso direto a aplicativos e sites de notícias se tornou cada vez menos importante e as redes sociais, como Instagram e TikTok, se tornaram mais importantes. “Essas mudanças são, em grande parte, impulsionadas pelos hábitos emergentes dos nativos sociais (de 18 a 24 anos) conforme chegam à idade adulta e geralmente não formam fortes conexões com os jornais”. (PODER360).

No Reino Unido, por exemplo, os nativos sociais se tornaram significativamente menos propensos a usar um site ou um aplicativo de notícias quando comparado aos grupos com

mais idade. Esta faixa etária é muito mais propensa a acessar notícias usando fontes de “porta lateral”, como mídias sociais, agregadores e mecanismos de pesquisa. (PODER360).

O relatório também mostra que os jovens não têm apenas comportamentos de notícias diferentes dos grupos mais velhos, mas também atitudes diferentes em relação às notícias e como elas são praticadas. Eles são mais propensos a acreditar que as organizações de mídia devem se posicionar em questões como as mudanças climáticas e pensar que os jornalistas devem ser livres para expressar as opiniões pessoais nas mídias sociais. Além de ter uma definição mais ampla do que é notícia. (PODER360).

O público mais jovem costuma distinguir entre “as notícias” - como assuntos ligados à política e o que o jornalismo tradicional convencionou a tratar como “hard news” e “notícias” - como algo mais amplo que abrange tópicos como esportes, entretenimento, celebridades, cultura e ciência. Os menores de 35 anos estão menos interessados do que os grupos mais velhos no que consideram “as notícias” e estão mais interessados em uma gama mais ampla de tópicos de “notícias”. (PODER360).

Outro dado apontado no Relatório de Notícias Digitais de 2022 do Instituto Reuters é de que o público mais jovem, além de acessar com menos frequência as notícias, evita ativamente a leitura. “Em média, em todos os 46 mercados analisados, cerca de 4 em cada 10 nativos sociais (40%) e nativos digitais (42%), frequentemente ou às vezes, evitam ativamente as notícias” (PODER360).

Na maioria das vezes, o público mais jovem (43% dos menores de 35 anos) diz que evita as notícias porque há muita cobertura de tópicos como política e Covid-19 - o tradicional “hard news” do período analisado.

A antiga crítica à natureza deprimente ou muito pesada das notícias também persiste entre a audiência mais jovem. Nossos entrevistados mencionaram a formação de hábitos de notícias para evitar a negatividade: ‘Eu costumo tentar limitar a quantidade de notícias negativas que consumo, especialmente a primeira coisa da manhã e a última à noite’, disse uma mulher de 29 anos do Reino Unido. E descobrimos que os mais jovens – particularmente os nativos sociais – são mais propensos do que os grupos mais velhos a dizer que acham as notícias difíceis de acompanhar ou de entender. (PODER360)

O “Relatório Desigualdades informativas: entendendo os caminhos informativos dos brasileiros na internet”, de 2023, do Aláfia Lab, aponta que as redes sociais são usadas por 94% das pessoas para

se informarem – abrangendo todas as faixas etárias, raças, gêneros e níveis de renda. Os jornais e revistas impressos são os veículos menos consumidos pela amostra, com 25% e 27%, respectivamente. “Por outro lado, os veículos de grupos de mídia tradicionais estão entre os mais consumidos nas redes sociais. Portanto, meios de comunicação tradicionais continuam sendo bastante relevantes como fontes de informação, mas o meio através dos quais as pessoas consomem essa informação mudou” (SANTOS & ALMADA & CARREIRO & CERQUEIRA, 2023).

A pesquisa apresenta que nos espaços digitais, as marcas tradicionais de comunicação predominam como fontes de informação, a exemplo de G1, Globo, Band, Record, CNN. “Isso indica que a amostra não deixou de consumir o conteúdo fornecido por jornais, revistas e programas de rádio, mas passou a consumi-lo em novos canais” (SANTOS & ALMADA & CARREIRO & CERQUEIRA, 2023). Na lista de fontes de informação mais usadas, o Grupo Globo se destaca como o principal conglomerado midiático. Dentro deste grupo, O Globo e G1 ganham especial proeminência. No cenário das redes sociais, o G1 lidera como a fonte mais popular no Instagram e Twitter, enquanto ocupa o segundo lugar no YouTube.

**Por quais meios de comunicação as pessoas costumam se informar, por idade**

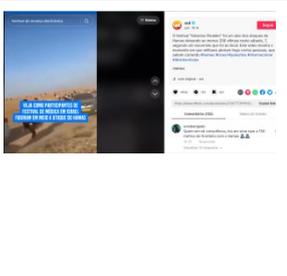
Faixa Etária	Jornais	Revistas	Sites de notícias	TV	Rádio	Redes Sociais	Podcasts	Aplicativos de mensagens	Sites de busca
16-24	8,5%	9,5%	64,3%	52,8%	20,1%	87,9%	23,6%	73,4%	76,4%
25-34	10,2%	10,2%	65,3%	55,1%	28,1%	80,6%	27,6%	66,3%	77%
35-44	8,8%	5,7%	68%	64,4%	37,1%	80,4%	17,5%	70,6%	77,3%
45-59	10,7%	10,7%	75,1%	74,7%	43,1%	86,7%	19,6%	73,8%	79,1%
60+	21,1%	10,3%	77,3%	73%	35,1%	77,3%	21,6%	73,5%	76,2%

TABELA 17 • Pergunta - Por onde você costuma se informar?

Como é indicado na tabela do estudo, 21,1% das pessoas com mais de 60 anos usam jornais com muita frequência, o que é mais que o dobro das pessoas até 44 anos, com 10,7%. Já o consumo de redes sociais faz o caminho inverso, 87,9% das pessoas com até 24 anos consomem redes sociais.

## 2. Metodologia e Resultados

### 2.1 Cobertura da Guerra Israel X Palestina

Site UOL	Instagram UOL	Twitter UOL	TikTok UOL
			

Durante os conflitos na Faixa de Gaza, um momento importante do primeiro dia de ataques (7 de outubro de 2023) foi o atentado do Hamas no festival Universo Paralello, ao sul de Israel. O UOL cobriu esta parte da guerra em todas as redes sociais analisadas (Instagram, Twitter, TikTok)<sup>2</sup> e no site. O assunto ganhou destaque na mídia nacional e internacional, primeiro por ser extremamente violento, com, ao menos, 250 mortes confirmadas. Segundo, por se ter sido muito compartilhado nas redes sociais, com vários vídeos das explosões, fugas e capturas de reféns.

No site, o UOL utilizou informações de agências de notícias internacionais e, na primeira parte da reportagem, apresentou o lead da notícia com um apanhado geral de onde, como, quando, quantos feridos e mortos etc. O formato é similar ao já visto no próprio site do UOL e G1, que iniciam com as explicações mais importantes, para depois destacar outros detalhes e desdobramentos.

“Ao menos 250 pessoas morreram no sábado (7) no festival Universo Paralello, uma rave realizada perto da Faixa de Gaza, no primeiro dia do ataque do Hamas contra Israel - que já deixou mais de 1,2 mil mortos. Nas redes sociais, vídeos mostram o início do ataque. Jovens dançavam quando mísseis começavam a se aproximar do local da festa, onde se apresentaria Juárez Petrillo, pai do DJ brasileiro Alok. A rave foi realizada no deserto de Negev, no sul de Israel. No início, os frequentadores não faziam a menor ideia de que se

<sup>2</sup> Site: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2023/10/09/jogaram-uma-granada-no-bunker-e-atiraram-contra-nos-conta-jovem-atacada-pelo-hamas-em-rave.htm>

Instagram: <https://www.instagram.com/reel/CyKQ09kuSrJ/?igshid=NTYzOWQzNmJjMA==>

Twitter: <https://twitter.com/UOLNoticias/status/1711403972047536494>

TikTok: <https://www.tiktok.com/@uol/video/7287773911922511109>

tratava de um atentado. Após as primeiras explosões, a multidão tentou fugir, alguns de carro e outros a pé. Muitos se abrigaram em bunkers na região, mas foram perseguidos. Vários abandonaram seus veículos na estrada nos arredores do evento” - apresenta o lead da matéria.

Depois, o UOL publicou depoimentos de jovens, que vivenciaram os ataques, e a presença de brasileiros no conflito.

“Segundo o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, ao menos três brasileiros que estavam no festival estão desaparecidos. Seus nomes não foram divulgados, mas todos têm dupla nacionalidade. O DJ Alok indicou nas redes sociais no domingo (8) que o pai está em um abrigo antibombas em Israel. ‘Ele está seguro em um bunker aguardando instruções para retornar ao Brasil’, escreveu o goiano”.

No site, o UOL utilizou hiperlinks, que facilitavam o acesso a outras matérias sobre o conflito, e apenas uma foto do momento dos ataques, em que “câmeras de segurança mostravam um membro do Hamas armado carregando um homem nos arredores do festival Universo Paralello, no sul de Israel, no último sábado” - como constava na legenda da imagem. E não utilizou vídeos ou infográficos.

No Instagram, o UOL publicou um vídeo de jovens fugindo da rave ao som de tiros, gritos e explosões, com a seguinte legenda: “O festival ‘Universo Paralello’ foi atacado pelo Hamas neste sábado, 7. Em vídeo, é possível ver pessoas correndo pelo deserto para fugir dos tiros e foguetes, como foi apurado pela BBC. Segundo o Itamaraty, três brasileiros que estavam no festival estão desaparecidos. O número de pessoas mortas e feridas no festival não está claro e não se sabe se o Hamas fez reféns, como em outros locais invadidos”.

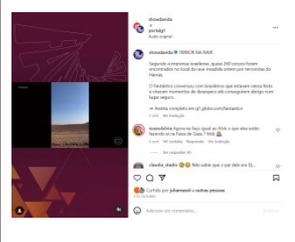
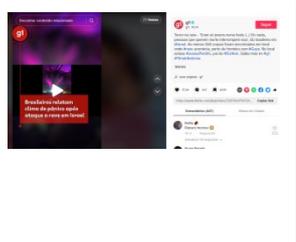
Nos comentários, como já observado, as opiniões foram bipolarizadas e, para além disto, generalizaram a discussão. Alguns apontavam a questão da Palestina: “Mostra os ataques de Israel à Palestina há mais de uma década também .... As vidas não valem mais do que outras”. E outros relacionavam com a oposição política no Brasil: “Esquerdistas defendendo o Hamas? Novidade?”. Ou seja, muito em busca de firmar uma identidade no mundo virtual, em que todos são convidados a colocar suas opiniões, os usuários reduziram o conflito e fizeram relações descontextualizadas. Tudo isto, no espaço de

comentários de um portal de notícias que, em tese, tem como função social informar as pessoas.

No Twitter, a legenda para uma imagem que no dia da análise, em 25/11/2023, estava bloqueada por se tratar de “conteúdo antigo”, foi: “Imagens mostram momento do ataque em rave em Israel; 260 pessoas morreram”. A publicação, como a analisada do G1, só faz sentido se o usuário da rede social clicar no link da matéria e ler a notícia no site - movimento, que como já apontado, não é realizado pela maioria da população jovem.

No TikTok, o UOL publicou o mesmo vídeo veiculado no Instagram, mas com uma legenda reduzida. “O festival ‘Universo Paralelo’ foi um alvo dos ataques do Hamas deixando ao menos 200 vítimas neste sábado, 7, segundo um socorrista que foi ao local. Este vídeo mostra o momento em que militares abriram fogo contra pessoas, que saíram correndo”. Neste caso, como jornalista analisando o material, me atento às palavras utilizadas e ao risco de desinformação que elas podem causar. Primeiro a frase: “segundo um socorrista que foi ao local”, não deixa claro qual foi a fonte de informação usada. Segundo a frase: “momento em que militares abriram fogo contra pessoas”, caracteriza os integrantes do Hamas como militares, o que pode gerar confusão, já que se trata de uma organização islâmica com ala militar, mas que não representa a Palestina como país.

Nos comentários, também é possível observar a falta de informação dos usuários. Por exemplo, “Quem, em sua consciência, iria a uma rave a 150 metros da fronteira com o Hamas”, a frase não faz o menor sentido. Primeiro, porque a movimentação do Hamas foi surpresa, ninguém esperava por esse ataque. Segundo, porque ignora o fato de Israel ser um local de agitada vida noturna, com “regiões que se tornaram pequenos oásis libertários em meio aos diferentes estados ditatoriais do Oriente Médio. A cidade de Tel Aviv, por exemplo, já foi premiada como o melhor lugar de turismo gay do planeta, graças ao amplo espaço à comunidade LGBTQIA+” (STRAZZA, 2023).

Site G1	Instagram G1	Twitter G1	TikTok G1
			

A cobertura do G1 sobre o ataque a rave pelo Hamas em Israel, no dia 7 de outubro de 2023, seguiu o formato já utilizado na primeira notícia analisada. A matéria<sup>3</sup> inicia com o lead - o que, quem, quando, como, onde e por quê - e continua com detalhes sobre o conflito e mais informações como links para outras reportagens, vídeos, fotos, infográficos, um resumo dos ataques até o momento, a explicação sobre o que é o Hamas etc.

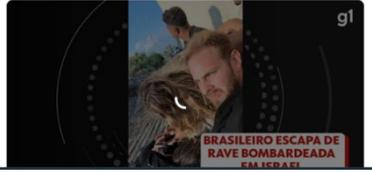
“Ao menos 260 corpos foram encontrados após Hamas atacar a rave em Israel, informou neste domingo (8) o jornal The Times of Israel. Neste sábado (7), o DJ Juarez Petrillo, pai dos DJs Alok e Bhaskar, filmou o momento em que o festival Universo Paralello foi interrompido após a chegada de homens do grupo extremista armado (veja acima). O vídeo mostrou fumaça no céu e pessoas se movimentando no evento de música eletrônica. ‘Estou em choque até agora! E as bombas não param de explodir...’, escreveu Juarez em uma rede social” - apresenta o lead da reportagem.

Aqui, o que chama atenção é o foco em Juarez, DJ brasileiro, pai de Alok, que estava no conflito. Esta informação, inclusive, é ressaltada no título da matéria. “Ataque do Hamas: ao menos 260 corpos são encontrados em rave em Israel onde estava o pai de Alok”. Como jornalista, avalio que diante da violência do ataque, esta informação não estaria no título. Isto aponta a linha editorial do veículo, que aproxima as discussões para o contexto do Brasil.

Outro ponto a ser destacado no site do G1 é a formatação da matéria. Logo depois das informações principais serem descritas no formato “tradicional” - de parágrafos, o veículo estruturou uma série de perguntas e respostas sobre o conflito. “Como começou o conflito entre o Hamas e Israel?/ O que é o Hamas?/ Como foi o ataque?/ Como foi a resposta de Israel?/ Quantas pessoas morreram?/ Qual é o contexto recente desse conflito?/ O que é

<sup>3</sup> Site: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/08/ao-menos-260-corpos-sao-encontrados-apos-hamas-atacar-rave-em-israel-onde-estava-o-pai-de-alok-diz-imprensa-local.ghtml>

e onde fica a Faixa de Gaza?/ Qual é o histórico do conflito na região?/ Quando Israel foi reconhecido como um Estado?/ Qual é a diferença entre israelenses e palestinos?”. Mesmo com respostas simplificadas, as respostas podem facilitar o entendimento do contexto na Faixa de Gaza.

<p><b>1</b> <b>Como começou o conflito entre o Hamas e Israel?</b> A mais recente disputa na região começou em 7 de outubro, quando o Hamas realizou um ataque-surpresa contra Israel. Essa foi a mais violenta ação em território israelense dos últimos 50 anos. Os serviços de inteligência do país <b>não conseguiram antecipar que uma ofensiva dessa magnitude estava sendo preparada.</b></p> <p><b>2</b> <b>O que é o Hamas? O grupo extremista armado</b> é uma das principais organizações islâmicas nos Territórios Palestinos (são duas áreas não contínuas: a Faixa de Gaza e a Cisjordânia). Desde 2007, o Hamas controla Gaza, localizada em um estreito pedaço de terra na costa oeste de Israel. O grupo é considerado terrorista por países como os Estados Unidos e o Reino Unido, <b>mas tem o apoio do Irã.</b></p> <p><b>3</b> <b>Como foi o ataque?</b> As ações se concentraram perto da fronteira da Faixa de Gaza, de onde Hamas lançou 5 mil foguetes. <b>Por terra, ar e mar,</b> com motos e parapentes, homens armados invadiram o território israelense pelo sul do país. Houve relatos de que os invasores atiraram em pessoas que estavam nas ruas e sequestraram dezenas de israelenses (incluindo mulheres e crianças), levados como reféns para Gaza.</p> <p><b>4</b> <b>Como foi a resposta de Israel?</b> Diante da ofensiva do Hamas, o governo israelense iniciou uma retaliação. “Estamos em guerra e vamos ganhar”, disse o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, logo após o ataque. “O nosso inimigo pagará um preço que nunca conheceu.” Ainda em 7 de outubro, Israel lançou bombas em direção à Faixa de Gaza.</p>	<p><b>5</b> <b>Quantas pessoas morreram?</b> O balanço mais recente das autoridades locais indica que ao menos 1.120 pessoas morreram, sendo 700 em Israel, 413 na Faixa de Gaza e sete na Cisjordânia. Milhares de pessoas ficaram feridas.</p> <p><b>6</b> <b>Qual é o contexto recente desse do conflito?</b> A Arábia Saudita e o governo de Israel estavam negociando para estabelecer relações diplomáticas formais. Os Estados Unidos trabalham ativamente para isso. Caso Israel e a Arábia Saudita se tornem aliados, o Irã, um adversário em comum dos dois, ficará mais isolado. “A principal motivação do Hamas e do Irã [para o ataque] foi o desejo de perturbar esse acordo, que ameaçava isolá-los. A ideia era envergonhar os líderes árabes que que fizeram a paz com Israel, ou que poderiam vir a fazê-lo”, afirmou Martin Indyk, ex-embaixador dos EUA em Israel.</p> <p><b>7</b> <b>O que é e onde fica Faixa de Gaza?</b> É território palestino localizado em um estreito pedaço de terra na costa oeste de Israel, na fronteira com o Egito e banhado pelo Mar Mediterrâneo. Marcado por pobreza e superpopulação, tem mais de 2 milhões de habitantes morando em um território de 41 km de comprimento e 10 km de largura. Tomada por Israel na Guerra dos Seis Dias, em 1967, e entregue aos palestinos em 2005, Gaza vive um bloqueio de bens e serviços imposto por seus vizinhos de fronteira.</p>	<p><b>8</b> <b>Qual é o histórico do conflito na região?</b> A disputa entre Israel e Palestina se estende há décadas e já resultou em inúmeros enfrentamentos armados e mortes. Em sua forma moderna, remonta a 1947, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) propôs a criação de dois Estados, um judeu e um árabe, na Palestina, sob mandato britânico.</p> <p><b>9</b> <b>Quando Israel foi reconhecido como um Estado?</b> Em 1948. Desde então, vem ocorrendo uma disputa por território na região, e vários acordos já tentaram estabelecer a paz na região, mas nenhum deles teve sucesso.</p> <p><b>10</b> <b>Qual é a diferença entre israelenses e palestinos?</b> Israelenses são cidadãos do Estado de Israel, criado em 1948. Palestinos são o povo etnicamente árabe, de maioria muçulmana, que habitava a região entre o Rio Jordão e o Mar Mediterrâneo.</p> 
--	--	---

Nas redes sociais (Instagram, Twitter, TikTok)<sup>4</sup>, a cobertura, como já visto no material analisado, foi simplificada. No Instagram, a publicação em conjunto com o perfil do programa Fantástico, da Rede Globo, apresenta a seguinte legenda: “Terror na rave. Segundo a imprensa israelense, quase 260 corpos foram encontrados no local da rave invadida ontem por terroristas do Hamas. O Fantástico conversou com brasileiros que estavam nesta festa e viveram momentos de desespero até conseguirem abrigo num lugar seguro”.

O vídeo veiculado apresenta um trecho do VT, feito pelo Fantástico, para falar sobre o ataque na rave. Nele, constam imagens do momento das primeiras explosões, feitas pelo DJ brasileiro Juarez, além de um depoimento curto de um jovem brasileiro que também sofreu com a violência do Hamas. O vídeo, no formato horizontal para a TV, foi adaptado para o formato vertical do Instagram, mas fica claro que ele não foi pensado para as redes sociais, somente divulgado nelas.

No Twitter, como também já visto, a legenda da publicação visualizada por quase 200 mil pessoas (198,9 mil), até esta análise em 26/11/2023, se resume a uma frase: “Ao menos 260 corpos são achados em rave onde estava pai de Alok”, seguida pelo link da matéria.

<sup>4</sup> Instagram: [https://www.instagram.com/p/CyKCVDcpLa\\_/](https://www.instagram.com/p/CyKCVDcpLa_/)

Twitter: <https://twitter.com/g1/status/1711115922423894434?s=46&t=vxCswTh5pTAHhIEBjZsDfg>

Tik Tok: <https://www.tiktok.com/@g1/video/7287960796724808966>

Nenhuma das possibilidades da plataforma foi utilizada, como as threads, ou a veiculação de fotos ou vídeos.

Nos comentários, como observado nas publicações do UOL, muitos usuários se questionaram sobre o porquê de se realizar um evento de música na região. Pergunta que foi respondida por outros usuários na própria publicação. “Impressionante como tem gente que não faz ideia de que a cena eletrônica de Israel é uma das melhores do mundo, e que basicamente os melhores produtores de psy trance do mundo vêm de lá”.

No TikTok, o vídeo veiculado foi o mesmo VT produzido pelo Fantástico que o G1 publicou no Instagram. Na plataforma, também adaptado para o formato vertical, ele foi transmitido com seis minutos de duração. Além do depoimento de brasileiros envolvidos no conflito, também consta um mapa da região explicando a localização do ataque. Nos comentários, novamente a falta de entendimento sobre o porquê de o festival ter sido realizado no local. “Só quero entender o que levam pessoas a estarem em um festival praticamente ao lado da Faixa de Gaza. Amo role, mas nunca iria numa parada assim”; “Gente, que ideia foi essa de fazer uma rave no olho do furacão”; “Como é que conseguem ir numa festa com o país sendo bombardeado, pelo amor... tudo louco, drogados”.

Esta repercussão nos comentários de todas as publicações, tanto do G1, quanto do UOL, deixa claro a lacuna de informação sobre o contexto da região.

#### **4. Considerações Finais**

Ao analisar as redes sociais dos veículos escolhidos, G1 e UOL, é possível observar que o jornalismo tradicional já se adapta aos novos hábitos de consumo da nova geração. A presença destas empresas nas plataformas digitais é um exemplo da convergência de mídia teorizada por Jenkins (2013), que afirma que os conteúdos de diferentes meios (e plataformas), as velhas e novas mídias, dividem espaço e interagem, em um processo não só corporativo, mas também do público. Assim, os meios de comunicação, para manter seu papel e sua importância, vão ter de mudar.

Porém, a convergência ainda não ocorre de forma satisfatória por alguns fatores. Primeiro, as notícias publicadas nas redes sociais, em muitos casos, são somente adaptações de

produtos feitos para o site ou para a televisão dos veículos. Isto mostra que não existe uma produção focada nas mídias, que pense no formato para cada plataforma específica. Por exemplo, fazer uma matéria no Twitter utilizando as threads e o espaço de comentários para responder os usuários; ou usar a ferramenta de sequência do Instagram, para na mesma publicação apresentar fotos, vídeos e infográficos sobre o tema.

Em segundo, ainda sobre a adaptação da notícia para as mídias, assim como ocorre quando uma matéria é veiculada no rádio, na TV ou no impresso, é necessário converter a linguagem para o veículo em questão. Em muitos casos analisados, as publicações continham legendas iguais e copiadas do lead da matéria no site. Ou seja, falta uma preocupação das redações em tornar o conteúdo agradável para a rede social.

Isto se torna mais evidente nas publicações do Twitter e TikTok dos veículos de imprensa. Na primeira rede, foi observado, na maioria dos casos analisados, que as publicações foram feitas somente para divulgar o link da matéria no site. Ou seja, todo o público que consome a plataforma é impactado somente com o título da matéria. No TikTok, a lógica é a mesma, grande parte do material analisado não é produzido para a plataforma, contém, em alguns casos, somente trechos de vídeos - retirados das redes sociais - sem legenda ou contexto.

Como aponta Camillo (2023), “na era das redes sociais, as guerras passaram a ser transmitidas e assistidas on-line”. Ele analisa 17 vídeos do TikTok sobre o conflito entre Israel e Palestina, em uma reportagem para a Folha de S. Paulo, e constata que apenas quatro desses são de veículos jornalísticos tradicionais. Todos eles, porém, “curtos, com cenas breves, sem mais detalhes ou análises aprofundadas do que está acontecendo”, como também neste estudo.

Essa observação, que leva para o terceiro fator, mostra como a convergência das mídias tradicionais às plataformas digitais ainda não ocorre de forma satisfatória. Como aponta Han (2022), hoje estamos desconectados da realidade a ponto de obter muitas informações sobre tudo, mas sem reter nenhum conhecimento. Algo que pode ser observado nos comentários analisados dos usuários, que mesmo dentro dos perfis de veículos de informação, fazem observações descontextualizadas ou carregadas de desinformação. Desta forma, é possível perceber que o jornalismo tradicional ainda precisa realizar mudanças na forma de interação das redações com as redes sociais.

## 5. Bibliografia

HAN, Byung-Chul. *Não-coisas : reviravoltas do mundo da vida*; tradução de Rafael Rodrigues Garcia. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2022.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008 (Edição em português).

PACETE, Luiz Gustavo. *Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo*. [São Paulo] [2023]. Disponível em:

<https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/#:~:text=Levantamento%20da%20Comscore%20mostra%20que,131%2C5%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas&text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20terceiro,sociais%20em%20todo%20o%20mundo>. Acessado em: 19/04/2023.

## 6. Bibliografia complementar

CAMILLO Mateus. *Como é se informar sobre a guerra Israel-Hamas pelo TikTok*. Folha de S. Paulo. 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2023/10/como-e-se-informar-sobre-a-guerra-israel-hamas-pelo-tiktok.shtml> Acessado em: 26/11/2023.

SANTOS, N.; ALMADA, M. P.; CARREIRO, R.; CERQUEIRA, E. *Desigualdades informativas: entendendo os caminhos informativos dos brasileiros na internet*. Salvador: Aláfia Lab, 2023. 38 p.

STRAZZA, Pedro. *Por que Israel tem tantas raves como a Universo Paralello, que foi atacada*. Folha de S. Paulo. 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/10/por-que-israel-tem-tantas-raves-como-a-universo-parallello-que-foi-atacada.shtml> . Acessado em: 25/11/2023.

Tendências Digitais e Lançamentos 2023. [2023]. Disponível em:

<https://www.comscore.com/por/Insights/Apresentacoes-e-documentos/2023/Tendencias-Digitais-e-Lancamentos-2023>. Acessado em: 19/04/2023.

Um olhar sobre a crescente geração de consumidores de notícias. [2022]. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/nieman/um-olhar-sobre-a-crescente-geracao-de-consumidores-de-noticias/>. Acessado em: 28/04/2023.